

RELATOS DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II SOBRE CONFLITOS FAMILIARES E NÃO FAMILIARES COMO FATOR DA INDISCIPLINA EM SALA DE AULA

STUDENT EDUCATION II STUDENTS REPORTING ON FAMILY AND NON- FAMILY CONFLICTS AS A FACTOR OF INDISCIPLINE IN THE CLASSROOM

Charruff, Lucileide¹

RESUMO

Este artigo foi elaborado com o objetivo de detectar os conflitos familiares e não familiares como fatores determinantes do baixo rendimento escolar e a indisciplina na sala no Ensino Fundamental II. Como metodologia foi utilizada uma revisão de literatura e os relatos dos alunos através de um espaço disponibilizado para que eles pudessem se manifestar a respeito das consequências que tais conflitos têm lhes causado.

Palavras Chaves: Escola, Indisciplina, Família, Relatos.

SUMMARY

This article was designed to detect family and unfamiliar conflicts as determinants of poor school performance and classroom indiscipline in Elementary School II. The methodology used was a literature review and the students' reports through a space available so that they could express themselves about the consequences that such conflicts have caused them.

Keywords: School, Indiscipline, Family, Reports

INTRODUÇÃO

Este artigo faz uma abordagem através de relatos de alunos do Ensino Fundamental II sobre a indisciplina na sala de aula no Ensino Fundamental II, tendo como fator determinante os conflitos familiares e não familiares. O principal objetivo foi detectar através de relatos dos alunos as consequências dos conflitos familiares e não familiares que os atingem. Como metodologia foi utilizada uma revisão de literatura e os relatos dos alunos do Ensino Fundamental II.

Sabe-se que a família é a base fundamental que toma as decisões a respeito da educação dos filhos, ou seja, é a família que deve dar amor, carinho, sustento, valores éticos e morais, respeito às diferenças, e a todas as pessoas, impor limites, ensinar a obedecer a regras, ser solidários, disciplinados, entre outros, preparando os filhos para conviver em sociedade.

¹ Graduada em Educação Física pela Universidade de Tuiti no Estado do Paraná. Pós-Graduada em Educação Física Escolar pela UNOPAR. Professora de Educação Física da Rede Estadual de Ensino do Estado de Rondônia. Mestranda em Ciências da Educação pela UAA – Asunción - Paraguai.

No entanto, na sociedade contemporânea, a concepção de família passou por muitas transformações, até porque o mundo globalizado a cada dia que passa exige mais de cada um dos seus integrantes.

A partir do momento em que a mulher se inseriu no mercado de trabalho, por necessidade de oferecer mais conforto aos filhos, outras vezes por ter se tornado pai e mãe ao mesmo tempo, houve um aumento gradativo da ausência da família na educação das crianças, pois se ausentando do lar os filhos ficaram aos cuidados de terceiros.

Dessa forma, a convivência familiar vai aos poucos se esvaindo, e muitas vezes causa a solidão, a falta de interesse pelos estudos e até mesmo a indisciplina na escola, muitas vezes como forma de chamar atenção dos responsáveis, pois os alunos trazem para as escolas suas experiências e vivências nem sempre positivas.

Educar os filhos não é uma tarefa fácil, principalmente no mundo de hoje, porém essa incumbência é, e sempre foi da família, que tem deixado muito a desejar, visto que a responsabilidade que é dos pais vem sendo deixada a encargo dos professores, e muitos pais nem participam efetivamente da vida escolar dos filhos. É necessário frisar que não é apenas a omissão dos pais, a falta de atenção para a vida escolar dos filhos, mas também as brigas entre os casais na presença dos filhos, e o divórcio, que geram a revolta, a tristeza, a mudança no comportamento, a ansiedade, depressão e conseqüentemente, o desinteresse pelos estudos e a indisciplina na escola.

Assim, entende-se que os conflitos familiares e não familiares são determinantes para o baixo rendimento escolar e a indisciplina na sala de aula.

2. O Conceito de família e suas transformações

Entende-se como família, pai, mãe e filhos que convivem juntos em um ambiente de harmonia, união, amor, companheirismo, respeito, compromisso e responsabilidade. “A família é o elo entre o indivíduo e a sociedade transmite a cultura, o modo de vida, e os comportamentos do grupo social” (CRUZ, 1997, p.33).

Não vai muito longe a época em que o conceito de família era diferente do atual, os casamentos eram impostos, arranjados pelos pais visando interesses puramente econômicos, e aos filhos restava obedecer. À mulher cabia o papel de procriar, educar os filhos, cuidar dos afazeres da casa e ser submissa ao marido.

Contudo, a sociedade é mutável e essa situação começou a se transformar quando a mulher passou a reivindicar o direito de seguir o seu próprio caminho e escolher quem ela queria para marido, além de não querer mais ser vista apenas como dona de casa e responsável pela educação dos filhos, a mulher passou a ter espaço no mercado de trabalho. Porém, esse fato ocasionou a falta de atenção dos pais, o que traz sérias conseqüências, tais como a indisciplina, o baixo rendimento escolar, a angústia, a depressão, entre outros, até porque não é fácil para os filhos lidar com a carga emocional que recai sobre eles.

Para Tiba (2002, p. 12) “Por mais que os filhos sejam criados no amor e com amor, eles precisam ser educados, e cabe aos pais, unicamente a eles, a responsabilidade de educá-los, e não delegar a outros o papel que lhes foi dado”

Assim, a mãe que era sempre presente na educação dos filhos, ao se inserir no mercado de trabalho tornou-se ausente, enquanto o pai que já não era tão presente tornou-se ainda mais ausente, situação esta, que acarreta nos filhos um sentimento de carência afetiva, que certamente gera inúmeros problemas emocionais.

2.1 A família da modernidade

Na família de hoje marido e mulher trabalham pensando em proporcionar aos filhos aquilo que na maioria das vezes eles não tiveram, ou seja, conforto, boas escolas, alimentação adequada, lazer, plano de saúde, entre outros.

Com esses objetivos em mente, a mulher tem uma jornada dupla de trabalho, pois ao chegar a casa após um dia de trabalho exaustivo ainda precisa dar conta dos afazeres domésticos, a preocupação em dar atenção aos filhos, verificar deveres de escola, se os materiais escolares estão em ordem, se já tomaram, banho, entre outros, ao passo que o pai após um dia de trabalho estafante, pensa em descansar, e na maioria das vezes a atenção aos filhos é relegada ao segundo plano.

Segundo Tiba (2002, p. 27) a presença masculina é bem maior quando os filhos são pequenos, ou estão às vésperas do vestibular. Entre essas duas etapas, a presença dos pais é quase nula. Entende-se que a partir do momento em que os filhos começam a crescer, o pai torna-se mais ausente.

Dessa forma, a mãe que geralmente é mais sensível procura dar mais amor, carinho, atenção, e acaba por não impor os limites necessários para que os filhos tenham uma boa educação familiar. No entanto, não é raro que haja também por parte da mãe um sentimento de culpa por se ausentar de casa o dia todo, e assim procura fazer todas as vontades dos filhos, e não percebe que isso certamente vai ter influência na disciplina em outros ambientes fora de casa. A esse respeito Cruz (1997, p 62) argumenta que “na educação dos filhos, os pais devem falar a mesma língua, principalmente quando as questões estão relacionadas ao cotidiano”.

Outro fato a destacar é que estando inserida no mercado de trabalho a mulher adquiriu autonomia, independência financeira, segurança, e aquela mulher do passado, submissa, passiva, que aguentava os mandos e desmandos do seu marido e se contentava em ser apenas esposa, mãe e dona de casa deixou de existir, dando lugar a uma mulher que luta pelos seus direitos, que toma decisões e conduz os rumos que quer para sua vida, fato esse que tem acarretado muitas separações, haja vista que por pertencerem a uma sociedade machista, muitos homens não estão preparados para conviver com essa nova mulher.

Segundo dados divulgados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em dezembro de 2018 o Brasil registrou 373.216 divórcios, o que representa um aumento de 8,3% em relação a 2016 (344.526 divórcios). Conforme a pesquisa do IBGE a taxa geral de divórcio (número de divórcios em relação à população de 20 anos ou mais de idade) aumentou de 2,38 divórcios para cada mil pessoas, em 2016, para 2,48 em 2017. O IBGE observou também que o tempo médio de duração dos casamentos em 2017 variou entre 11 e 18 anos. (IBGE, 2018).

Nesse contexto, na sociedade moderna em muitas famílias as mães são responsáveis não apenas pela educação dos filhos, mas também pelo seu sustento, haja vista que nem sempre os pais cumprem com a obrigatoriedade da pensão, ou esta é insuficiente para suprir todas as necessidades dos filhos. “os valores morais tornaram-se transitórios” (JARDIM, 2006, p. 18).

3. O divórcio e as consequências no comportamento dos filhos

É evidente que a separação dos pais (divórcio) não é aceita pela maioria dos filhos com tranquilidade, porém para outros cansados de presenciar brigas, xingamentos e até mesmo agressões físicas, funciona como um alívio.

Assim, entende-se, que cada criança reage ao divórcio de maneira diferente, há crianças que possuem um equilíbrio emocional que fazem com que o divórcio dos pais não influencie no seu comportamento, seja em casa, ou na escola, pois sabem lidar com o fato sem que isto os atrapalhe na sua vida emocional, social e escolar., enquanto que para outras o impacto do divórcio traz consequências desastrosas em todos os sentidos. (PAPALIA E FELDMAN, 2006, p. 411)

Embora o divórcio possa ser a melhor solução para um relacionamento familiar destruído e para oferecer à criança a saída de um ambiente de estresse, bem como a oportunidade para o crescimento pessoal, a maioria das crianças experimenta a transição do divórcio como dolorosa. Mesmo as crianças que mais tarde estarão aptas a reconhecer que a separação teve resultados construtivos, inicialmente terão suportado um considerável sofrimento com o rompimento da família. Porém, por volta de um ano após o divórcio há uma crescente redução da tensão e um estado de bem-estar (BARRETO, 2013, p. 39).

Nesse contexto, é extremamente necessário que os pais saibam preparar os filhos para essa nova situação. Conversar francamente, sem brigas, sem acusações de ambas as partes, expondo as razões com sinceridade e humildade, pode tornar a separação um pouco menos dolorida para todos.

A esse respeito Campos (2002, p 17) Ao decidir pela separação é necessário que os pais tenham uma conversa sincera e esclarecedora com os filhos, e expliquem não só os motivos da separação, como também, as transformações que irão ocorrer na vida deles. É importante que os filhos sejam valorizados que se sintam amados, protegidos, e que os pais compartilhem da sua educação, diminuindo assim, a dor da separação.

Considera-se que todos os argumentos citados pelos autores neste artigo, são bastante significativos e pertinentes, porém é necessário salientar, que não apenas o divórcio, mas também outros tipos de conflitos familiares trazem consequências para o comportamento das crianças tanto sociais, como escolares, como será visto no próximo tópico.

3.1 Conflitos familiares, e não familiares como fatores da indisciplina, desmotivação e baixo rendimento escolar.

A indisciplina escolar é um desafio que a ser enfrentado nas escolas, e muitas vezes é difícil que se encontrem as causas. Não é raro que na escola crianças e adolescentes apresentem um comportamento totalmente indisciplinado, e um baixo rendimento escolar. Alguns alunos apresentam baixa-estima, crises de ansiedade, angústia, desinteresse pelas atividades escolares, depressão e até mesmo intenções de suicídio, tanto em suas residências como nas dependências da escola. Todavia, nem sempre essas situações são causadas pelo divórcio dos pais, outros conflitos familiares e não familiares influenciam para esse quadro extremamente preocupante de instabilidade emocional.

Percebe-se claramente que quando a criança/adolescente convive em um ambiente familiar saudável, harmonioso, amoroso, baseado no diálogo e na compreensão ela tem disciplina e um rendimento escolar satisfatório, ao passo que, quando no ambiente familiar existem conflitos, tanto a disciplina como o rendimento escolar são afetados.

Entende-se que para Frasseto e Bakos (2010, p. 170) as crianças criadas em um ambiente onde não há harmonia se magoam, e seu comportamento e interação tornam-se inadequados. Voltados para dentro de si mesmos, para o desconforto dos seus

sentimentos, os pais deixam de dar a atenção necessária aos filhos. Essa atitude dos pais tem como consequência a indisciplina e o baixo rendimento escolar.

Como professora do Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) e acompanhando minhas turmas ano, a ano, comecei a perceber mudanças significativas no rendimento, e no comportamento de alguns alunos, embora minhas aulas sejam diversificadas e a Educação Física é uma disciplina que eles gostam. Uns tornaram-se indisciplinados, outros desmotivados, outros introspectivos, e isso me deixava inquieta, querendo descobrir as causas da mudança. Pelo fato de acompanhar as turmas, aos poucos foi se estabelecendo entre nós uma relação professor/aluno de diálogo, afeto e confiança. “O diálogo é o encontro no qual a reflexão e a ação inseparáveis daqueles que dialogam, orientam-se para o mundo que é preciso transformar, este diálogo não pode reduzir-se a depositar ideias um em outro” (FREIRE, 2011, p. 83).

Assim, me apoiando nessa relação professor/aluno tive a ideia de disponibilizar um espaço nas minhas aulas, no qual os alunos escolheriam um tema para discutir, após o tema ser escolhido seria dada a palavra a quem quisesse falar sobre o assunto, no final eles fariam um relatório por escrito sobre o tema discutido. Ou seja, eu dei vez e voz aos alunos, para que pudessem falar sobre sentimentos, angústias, bullying, suicídio, depressão, solidão, conflitos familiares, e não familiares, ansiedade, assuntos estes, que na maioria das vezes eles não conseguem falar com os pais.

A minha inquietude tinha razão de ser, e foi saindo da minha zona de conforto, criando esse espaço para os alunos que eu comecei a entender as mudanças comportamentais que estavam ocorrendo, como está bastante claro nos trechos dos relatórios escritos por eles que transcreverei a seguir respeitando exatamente o que foi descrito:

Aluna do 7º ano (12 anos) relatou sobre a prisão dos pais (ambos presos) e preconceito.

O meu pai estava mexendo com drogas e foi preso, e a minha mãe foi ver ele no presídio e levou droga pra ele, ela foi descoberta e também foi presa. As pessoas tem preconceito de mim, fica me julgando falando que sou filha de traficantes que vou ser igual a eles. To morando com a minha vó e ela fica jogando coisas na minha cara por isso. Sofro muito e dá vontade de morrer. Eu não tenho culpa que eles são assim. Quando a senhora está explicando a matéria minha cabeça fica voando pensando nas coisas ruim da minha vida. Acho que é bom que a senhora está deixando nós falar da nossa vida. Não quero ir visitar eles. Tenho muita vergonha de ser filha de presidiários.

Essa aluna está sempre quieta, tristonha, o seu rendimento escolar que era muito bom, está apenas razoável.

A respeito dos sentimentos dessa aluna, os autores Seymour (2001, p. 123) pontuam que “os filhos que têm os pais encarcerados podem apresentar diversas emoções, como medo, ira, ansiedade, solidão, tristeza, baixo rendimento escolar. Essas reações são relacionadas a separação dos pais, o preconceito que sofrem, e à vergonha de ter os pais presos”.

Aluno do 8º ano (13 anos) relatou sobre separação dos pais e ansiedade:

“Os meus pais são separados, e eu não fico triste por isso, fiquei triste no começo porque sentia falta do meu pai em casa. Eles brigavam muito, falavam palavrões e até se agrediam e eu chorava muito, tinha medo. Agora já faz dois anos que eles estão separados, minha relação com meu pai é boa, a gente se entende muito, mas minha mãe tá fazendo um inferno na minha vida porque quando estou fazendo minhas tarefas ela fica me azucrinando falando mal do meu pai, que às vezes ele atrasa a pensão porque o pagamento dele atrasa e ela fica falando muitas coisas, que não tem dinheiro pra me sustentar eu e minha irmã, e fica só xingando meu pai. Eu fico nervoso com isso e quando ela chega perto já fico

ansioso porque sei que ela vai falar mal dele, e aí atrapalha meus estudos porque não consigo ficar quieto fazendo as tarefas, e fico triste com a minha mãe por causa disso. Não gosto que ela fale mal do meu pai, que ele não tem culpa do pagamento que atrasa” ela nem olha minhas tarefas, só sabe falar mal do meu pai.

Em 27 de agosto de 2010 foi publicada no Diário Oficial da União a Lei n. 12.318. Essa Lei prevê a punição de pais ou mães que tentam desqualificar a imagem um do outro quando estiver com os filhos.

Artigo 2º Considera-se ato de alienação parental a interferência na formação psicológica da criança ou do adolescente promovida ou induzida por um dos genitores, pelos avós ou pelos que tenham a criança ou adolescente sob a sua autoridade, guarda ou vigilância para que repudie genitor ou que cause prejuízo ao estabelecimento ou à manutenção de vínculos com este.

Os pais que tomam essa atitude estão contribuindo para a baixa estima, tristeza, isolamento e baixo rendimento escolar, pois os filhos se ressentem dessa atitude negativa, que prejudica o seu psicológico e a sua formação social e intelectual.

Aluna do 8º ano (13 anos) relatou sobre falta de atenção dos pais, solidão e desmotivação para os estudos.

Meu pai e minha mãe trabalham o dia todo, eu ajudo fazer as coisas em casa e faço até comida que já sei fazer, mas minha mãe fala que não presto pra nada. Meu irmãozinho fica na casa de uma vizinha que cuida dele, quando minha mãe chega do trabalho eu vou buscar ele, aí minha mãe dá banho nele, dá a papinha e logo ele dorme. Aí ela manda eu me virar se quiser comer alguma coisa e ela fica vendo novela e no celular e meu pai no celular também. Eles nem se importam comigo, fico sempre sozinha no meu quarto e sinto muita solidão porque eles nem conversam comigo. Outro dia fui mostrar uma atividade que eu não estava sabendo fazer e ela brigou comigo, me mandou perguntar da professora. Não tenho mais nem vontade de estudar porque ela nem vai às reuniões da escola.

Os pais desta aluna não demonstram interesse na participação do desenvolvimento escolar da filha, mesmo convivendo sob o mesmo teto, são ausentes. A esse respeito Jardim (2006, p. 68) pondera que alguns pais envolvidos com seus afazeres, se esquecem, ou não se importam com a vida escolar dos filhos.

A aluna citada apresenta um nível de aprendizagem apenas regular, é quieta e não tem muitos amigos na escola, e muitas vezes aparenta estar totalmente alheia ao que se passa na sala de aula, ou seja, está desmotivada.

Aluna do 8º ano (13 anos) relata sobre o alcoolismo do pai e ansiedade causada por esse motivo.

Quando eu nasci meu pai não estava junto com a minha mãe porque eu nasci de uma aventura dela com ele, mas ele não me assumiu, é eu só conheci ele quando eu já tinha 9 anos. Ai então que ele procurou minha mãe e quis ficar com a gente, eu achei bom, porque queria ter meu pai. Eu e minha mãe somos da igreja e ele não é, ele é alcoólatra, bebe muito, muito mesmo, e minha mãe não consegue o fazer ir pra igreja. Quando ele demora a chegar de noite eu fico ansiosa, porque sei que vai chegar bêbado, ai fico tremendo, meu coração fica pulando, minhas mãos ficam molhadas, eu fico muito mal. Ele recebe o dinheiro dele e gasta quase tudo em bebida, aí minha mãe fica brava com ele, e ele então pede desculpa e fala que não vai mais beber, no outro dia bebê de novo. Eu e minha mãe vamos na igreja orar por ele, eu fico muito ansiosa e triste, porque pensava que com meu pai em casa eu ia ser feliz e não sou, mas a minha mãe me dá todo apoio, e me leva a psicóloga por causa da minha ansiedade porque fico muito mal. Eu sei que meu pai ama a gente, mas a bebida estraga tudo. Minha mãe já pensou de separar, mas fica com pena dele. Professora, obrigado por deixar nos falar dos nossos sentimentos.

A OMS (Organização Mundial da Saúde) considera o alcoolismo uma doença que pode ser tratada. Existem grupos de apoio para esse fim, porém é necessário que o alcoólatra tenha consciência disso e queira se tratar. No caso desta aluna ela tem recebido todo apoio da mãe, inclusive com tratamento psicológico, e apesar da situação vivenciada tem um bom nível de aprendizado, acredito que justamente devido ao apoio da mãe e o tratamento psicológico.

Aluno do 9º ano (15 anos) relatou sobre preconceito racial que sofria em outra escola e que precisou de tratamento psicológico para ansiedade.

Eu vim transferido de outra escola porque durante muito tempo sofria preconceito por outro aluno por eu ser negro. Ele me chamava de carvão, negro burro, saci, escravo e muitas coisas. Muitas vezes minha mãe foi na escola para reclamar e nada resolveram, só chamavam a atenção do menino que me zuava e ficava por isso mesmo. Até que um dia esse menino me chamou de escravo burro e eu não aguentei mais e parti pra cima dele. Fomos os dois para a orientação, ele levou apenas uma advertência e eu que sofria fazia tempo de preconceito, meus pais foram chamados e convidados a me transferir de escola. Por causa disso as minhas crises de ansiedade aumentaram e tentei o suicídio me cortando com gilete e depois com uma faca, mas não tive coragem de terminar o ato porque fiquei com pena dos meus pais. Hoje faço tratamento psicológico e já estou bem melhor, porque aqui nessa escola todos me aceitam, são amigos e agora a senhora dá oportunidade de a gente falar dos nossos sentimentos, e isso ajuda muito porque é bom desabafar e saber que outros colegas também têm problemas de ansiedade. Gosto muito de estudar aqui porque não tem preconceito com ninguém.

A esse respeito Cavalleiro (2001, p. 146) afirma que as práticas discriminatórias causam sérios problemas para as crianças negras: A criança negra que passa por constrangimento normalmente não é “acolhida”. [...] A ausência de atitude por parte dos gestores e professores sinaliza à criança discriminada que ela não pode contar com a cooperação dos educadores. Por outro lado, para a criança que discrimina dá a entender que ela pode continuar repetindo essa ação, visto que nada é feito e seu comportamento nem sequer é criticado. A convívência por parte dos gestores e professores banaliza a discriminação [...].

Aluno do 8º ano (14 anos) relatou sobre a separação dos pais e seu amadurecimento.

Eu era muito, mas muito bagunceiro mesmo e recebia muitas advertências por escrito e os professores pareciam que nem gostavam de mim, porque eu atrapalhava as aulas, e até os colegas reclamavam. Meus pais viviam brigando e por isso eu ia pra escola sempre com raiva e triste, então fazia bagunça e acho que eu queria chamar a atenção. Até que meus pais se separaram, já faz 3 anos. No começo achei ruim, mas depois me acostumei com isso. Minha irmã mais velha se casou e foi morar em outra cidade e ficou só eu e minha irmã que tinha 5 anos quando eles separaram e ela sentiu muito até hoje ele senti e eu sempre dou força pra ela. Depois da separação dos meus pais eu mudei, acho que cresci e agora sou um bom aluno, não bagunço mais na escola. Sei até me posicionar a favor ou contra em algumas coisas, porque amadureci e me sinto o homem da casa. Meus pais se tornaram amigos e os dois já tem novos relacionamentos e agora formamos uma família bem maior, porque tem os filhos dos parceiros dos meus pais que convivem com a gente.

O relato deste aluno demonstra que os conflitos familiares anteriormente vivenciados por ele era a causa da sua indisciplina, que o amadurecimento veio quando ele sentiu necessidade de apoiar a irmã mais nova, e passou a conviver com uma realidade familiar mais saudável e harmoniosa, visto que os pais se tornaram amigos e tem um bom relacionamento.

Houve o caso de um aluno do 8º ano, que veio transferido de outra escola. Esse aluno bagunçava na aula, chegava atrasado, não fazia atividades e ficava o tempo todo

rabiscando folhas do caderno. Eu o chamei para conversar e ela me respondeu grosseiramente e com palavrões. Dei uma advertência por escrito e levei-o à presença da orientadora escolar, e lá ele se desculpou, dizendo que fez isso de propósito, para que sua mãe fosse chamada, pois segundo ele a mãe não acompanhava seus estudos, não verificava cadernos, não lhe dava atenção, alegando que por ele já estar no 8º ano isso não era mais necessário. A mãe foi chamada e se achando cheia das razões brigou com a orientadora jogando a responsabilidade na escola. A mãe e o aluno foram encaminhados ao Conselho Tutelar, para que fossem tomadas as providências necessárias.

Os casos mais preocupantes aqui relatados foram encaminhados à orientadora escolar para as possíveis soluções cabíveis, exceto o da aluna com pai alcoólatra, pois ela já está recebendo acompanhamento adequado.

Outros casos foram relatados, como bullying, que apesar de ser constantemente debatido em sala de aula e também com palestras que são realizadas, continua presente no cotidiano da escola. Um aluno do 9º ano (14 anos) relatou que não está conseguindo se concentrar nos estudos porque está apaixonado por uma menina que mora ao lado da casa dele, e que essa menina não lhe dá confiança. Esse aluno disse que passa o tempo todo pensando na menina, que dorme e acorda pensando nela e não consegue estudar. Perguntou, inclusive, como ele poderia agir para conquistar a menina e também que os pais sabem o que ele está passando, e procuram compreender e orientar, mas ele gosta demais da menina, e não a tirar da cabeça. Sobre esses casos de paixão, um deles me deixou bastante preocupada, e precisei encaminhar à orientação, pois uma garota de apenas 12 anos estava chorando desesperadamente, falando até em suicídio. Eu perguntei o motivo de tanto choro, porém ela não quis responder, e as colegas da turma disseram que ela estava assim por causa de um namorado do 8º ano que não a queria mais, e ela dizendo que por isso queria morrer. A mãe foi chamada, não sabia de nada e ainda quis colocar a culpa na escola, como se nós pudéssemos impedir alunos de se apaixonarem. Outros casos que também foram relatados têm a ver com a não aceitação das transformações do corpo, espinhas no rosto, (alunos que faltam às aulas, por vergonha das espinhas no rosto) alterações na voz dos meninos, outros que se acham feios (estes relatos acontecem principalmente com alunos do 9º ano). Para Tiba (2002, p. 234) “a nova geração é incapaz de lidar com frustrações, que se transpõem para os relacionamentos sociais”. Há ainda alguns que apesar de ter uma vida familiar sem problemas, com uma convivência saudável em família, não têm prazer pelos estudos fazem isso porque são obrigados pelos pais, com isso bagunçam na sala de aula, não prestam atenção, colam nas provas, usam o celular em sala de aula sem autorização, e por mais que sejam acompanhados, pelos professores, pela orientadora escolar e pelos pais, apresentam um desempenho apenas regular. Dessa forma, percebe-se que são inúmeros os fatores da indisciplina na sala de aula, da desmotivação e do baixo rendimento escolar, causados por conflitos familiares e não familiares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Geralmente a separação dos pais, e o divórcio são colocados como fatores determinantes dos conflitos familiares e da indisciplina escolar, mas nem sempre é assim, pois muitas vezes os conflitos surgem após a separação, quando os pais se tornam inimigos, quando um denigre a imagem do outro, ou quando fazem dos filhos portadores de recados. Além disso, a desmotivação para os estudos, a falta de atenção, a alteração no comportamento dos alunos tem como causas conflitos familiares e outros

tipos tais como, falta de atenção dos pais, alcoolismo, pais encarcerados, entre tantos outros que se poderia citar.

Os fatores não familiares, como as transformações do corpo, o rosto repleto de espinhas, o medo de não serem aceitos por se acharem feios, namoros que não dão certo, também acarretam reações de ansiedade, depressão, vontade de morrer.

Os alunos que passam por essas experiências tornam-se inquietos, introspectivos, ansiosos, alguns agressivos, depressivos e muitas vezes recorrem a atitudes extremas, como o suicídio, que é para eles a última opção para fugir da situação na qual se encontram.

É evidente que esses alunos não estão preparados emocionalmente para lidar com essas situações, até porque na maioria dos casos eles não são ouvidos, não lhes perguntam como se sentem e o que sentem. Os pais precisam estar atentos às mudanças comportamentais dos filhos, porém na sociedade atual, isso parece estar longe de acontecer, pois a maioria dos pais não conversa com seus filhos. Infelizmente, muitos pais estão delegando à escola não apenas a educação dos seus filhos, mas também o apoio, a atenção, o carinho que deveriam lhes dar.

Como já foi citado neste trabalho, foi a minha inquietação a respeito da mudança no comportamento dos meus alunos do Ensino Fundamental II, que me levou a abrir um espaço nas minhas aulas para que eles pudessem ter vez e voz, ou seja, para dar oportunidades a eles de expressarem suas emoções, frustrações, seus conflitos interiores.

Assim, através desse espaço disponibilizado nas minhas aulas, eles estão conseguindo aos poucos lidar com essas emoções e percebem que outros colegas de sala de aula também passam por situações semelhantes, ou até bem piores, conseguindo olhar para o outro com o novo olhar, criando um ambiente de solidariedade e compreensão para com o outro, afetividade, companheirismo, maior interação, melhorando o comportamento, a motivação e o interesse, pelas atividades escolares. Uma sementinha foi plantada e começam a surgir os primeiros frutos, porém para que esses frutos amadureçam saudáveis é necessário que se dê continuidade e este trabalho e que possa também ser de interesse da comunidade acadêmica e de outros professores que se disponham a sair da sua zona de conforto, criando oportunidades para que seus alunos exponham suas emoções, frustrações, ansiedades, angústias, e medos e assim consigam como resultado um bom desempenho escolar e uma melhor disciplina e sala de aula.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Fabíola. **Análise Psicológica do Divórcio: Uma perspectiva masculina. Monográfica não publicada.** Curso Grau de Licenciatura. Universidade Jean Piaget de Cabo Verde. Cidade da Praia, Santiago Cabo Verde, 2013. Disponível em: <http://bdigital.cv.unipiaget.org:8080/jspui/bitstream/10964/441/1/Mono%20Fabio%20PSI-Clinica.pdf> Acesso em: 20/10/2019

CAMPOS, R. Separação Conjugal e a criança. TCC de pós-graduação. Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <http://www.avm.edu.br/monopdf/3/ROSANE%20CAMPOS.pdf> Acesso em: 09/08/2019.

CAVALLEIRO, E. (org.) **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola.** São Paulo: Sumus, 2001.

CRUZ, E. **A difícil arte de criar os filhos**. Rio de Janeiro: Betel, 1997.

FRASSETO, S. S; BAKOS, D; DI GIORGIO, S. **Terapia cognitivo-comportamental infantil em situação de separação conjugal: estudo de caso**. Revista Brasileira de Terapias Cognitivas n. 6 v (1), 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1808-5687210000100009&=sci_abstract Acesso em: 21/10/2019.

FREIRE, P. **Educação como Prática da Liberdade**. 34ª ed. São Paulo: Saraiva, 2011.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estatísticas de Registro Civil 2017**. Disponível em: <http://agenciadenoticias.ibge.gov.br> Acesso em: 03/11/2019.

JARDIM, A. P. Relação entre Família e Escola: proposta de Ação no Ensino-Aprendizagem. Disponível em: http://unoeste.br/tede_arquivos/1/TDE-2006-04-12T121858Z12/Publico/Dissertação_Educação_Ana%20Paula%20Jardim_%20texto.pdf Acesso em: 13/09/2019.

LEI nº 12318 de 26 de agosto de 2010. **Dispõe sobre Alienação Parental**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/lei/l12318.htm Acesso: 08/11/2019.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. 8ª Ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2006.

SEYMOUR, C. **Children whit parents in prison¹: Child welfare policy, program and practice issues**. New Brunswick, New Jersey, 2001. Transaction Publishers. Disponível em: www.citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.473.9706&rep=1&type=pdf Acesso em: 07/10/2019.

TIBA, I. **Quem ama educa**. São Paulo: Gente, 2002.

